

# VICTOR FLUSSER

## A música é extraordinária

### Entrevista por Zoica A. Caldeira<sup>1</sup>

Instituto de Artes da UNESP

Victor Flusser, compositor brasileiro radicado na França, é diretor do Centre de Formation de Musiciens Intervenants (CFMI) e Professor de Música Contemporânea no Departamento de Música da Universidade de Strasbourg, França. Coordena um programa de formação de músicos para atuarem em hospitais, interagindo com os pacientes por meio da linguagem musical. Nesta entrevista, realizada em três de julho de 2005, num estabelecimento em São Paulo denominado “O Rei das Batidas”, o professor Flusser fala um pouco deste trabalho e da importância da música no contexto hospitalar.

ZC. O que representa a institucionalização para uma criança que está hospitalizada e qual a contribuição da música para o processo de humanização hospitalar?

VF. O fato de uma criança ficar muito tempo no hospital a afeta bastante; ela sai das suas referências culturais, de suas regras de vida, e tem de se adaptar às regras de vida de uma outra instituição: horários, o que pode e o que não pode... Ela perde as suas próprias referências, a sua própria personalidade. Ela não é mais uma criança X, um menininho ou uma menininha... mas é o doente, o paciente no hospital X, ou do quarto X.

A música, como muitas outras coisas, pode ajudar a recriar relações que re-centralizam a criança nela mesma, e não na sua função enquanto doente do hospital. Pode ser o jogo, pode ser a brincadeira, pode ser muitas coisas e, entre elas, a música; a música tem a vantagem de ser polissêmica; tem tantos significados, que não significa nada. Para cada um de nós, a música tem seu próprio significado. Para a criança, também. Ela permite, então, à criança recriar, recolocar em movimento tipos de emoções que não são as que predominam no hospital. Quais são elas? A mais importante, do meu ponto de vista, é o tédio, é a espera. Quando a gente está no hospital há muito tempo, está sempre

---

<sup>1</sup> Zoica Andrade Caldeira (zoica@uol.com.br) é mestranda em Música pelo Programa de Pós-graduação em Música do Instituto de Artes da UNESP – Campus São Paulo e pós-graduada em Psicopedagogia na UniSant’Anna. Trabalha como voluntária no Instituto de Infectologia Emílio Ribas – São Paulo, realizando visitas às crianças e aos adolescentes internados.

esperando: esperando visita, comida, sempre esperando. Claro que, também, há a ansiedade, a angústia e a dor, o medo e, inclusive, alegrias, mas o mais importante, tenho a impressão, é a espera. A música pode mobilizar outros sentimentos. Como você sabe, ela é extraordinária, está fora do ordinário, é tempo dentro do tempo. A música tem esse poder, em sua estrutura mesmo, de ter um início e um fim. Durante o tempo em que a música corre, o mundo cotidiano está entre parênteses; se você estiver cantando, tocando ou escutando uma música, durante este tempo, você não está pensando que está com dor de dente, ou que o seu cachorro tem que ser lavado, ou que você tem que trocar o pneu do carro; tudo isso não existe, o nosso cotidiano não é pertinente ao tempo musical. Se você estiver tocando piano e, enquanto isso, se lembrar que tem de levar sua tia ao dentista, você não está mais tocando; caiu fora do tempo da música, para voltar ao seu tempo ordinário, o tempo cotidiano. Nesse sentido, a música é extraordinária. Se você consegue que a criança crie estas “bolhas de tempo”, durante esse tempo, é como se a criança tivesse saído do hospital. Ela está no tempo da música, está fora.

Outra coisa que a música faz é promover comunicação; ela é um elo entre pessoas. E a música no hospital deve fazer as diversas pessoas que se encontram no hospital se comunicarem por este veículo. Que a mãe de uma criança possa ver o seu filho como criança e não como uma criança doente. Que a enfermeira possa ver, por exemplo, esta criança, não mais como uma criança doente, mas, simplesmente, como uma criança. Que a criança possa ver a enfermeira não como enfermeira, mas como mulher. Que a mãe da criança não mais como a mãe da criança, mas como outra pessoa, uma outra mulher, o pai, um homem; todos, sendo pessoas, se relacionam. Essas diferentes maneiras de ver são maneiras de sair fora do hospital. Isto, se considerarmos a música como linguagem.

Agora há outro aspecto que você conhece muito bem: o som tem poder evocador. Você escuta um som, e este som a faz viajar. E por quê? Porque o som “pega” a gente sem pedir licença, e leva para longe. O que quer a criança que está no hospital? Qual é o primeiro desejo dela? É sair do hospital, não é verdade? Então, se você consegue, pela música, no tempo dentro do tempo, essa qualidade extraordinária do tempo, ou pelo poder evocador do som, fazer com que ela saia, já está contribuindo enormemente para isto que chamamos de humanização, para a qualidade de vida dessa criança.

Sons... você escuta o barulho que está aqui, não? Se amanhã você estiver no meio do mato e escutar este barulho que está aqui, você dirá: “Ah, estou num bar”. Isto tem um nome, chama-se fonografia; como existe a fotografia, existe, também, a fonografia, que são imagens sonoras. Os sons são imagens sonoras. Outro dia eu estava andando, indo a uma reunião em Paris, chateado, não querendo ir, quando, de repente, vi que estava em São Paulo. E por quê? Fiquei procurando e vi, na esquina, um fusquinha... Ele passou à minha frente e seu som trouxe-me de volta a São Paulo. Criar imagens sonoras no hospital é muito importante.

Eu me pergunto: em que a música pode contribuir, não só em relação às crianças que você chama de institucionalizadas, mas às outras também? Para a qualidade de vida, porque ela permite criar tempo dentro do tempo, sair, virtualmente, do hospital e colocar a situação de hospitalização entre parênteses, ou pela estrutura da linguagem musical polissêmica, tempo dentro do tempo, ou pelo poder evocativo do som.

Agora, há um terceiro aspecto, o da ecologia sonora, o estudo do ambiente sonoro. Você sabe qual é a definição de “barulho”? Como você define “barulho”?

ZC. Um ruído indesejado?

VF. Você está certa, um ruído indesejado. Eu vou dar uma definição mais bobinha para você: o barulho é um som que eu não quero escutar. Só isso. É um som que eu não quero escutar agora, mas talvez você queira escutar, e talvez eu o queira escutar em outro momento. Para mim pode ser “barulho”, mas para você é som.

O hospital é um lugar muito barulhento. Embora se diga “Silêncio!” no hospital, ele é muito ruidoso. Ruidoso do quê? Vozes, portas, passos, telefone, televisão... Se o músico, a partir da escuta do ambiente (pois o músico no hospital não só produz sons, mas também escuta), consegue fazer com que o ambiente sonoro seja menos ruidoso, e mais sonoro, mais desejável e menos indesejável, ele também está contribuindo para a humanização desta criança institucionalizada.

ZC. No DVD de divulgação do trabalho em hospitais, desenvolvido pelo Centre de Formation de Musiciens Intervenants, que o senhor dirige, duas falas me chamaram particularmente a atenção:

“Aqueles que estavam adormecidos, voltam à vida. Não é terapia, mas a vida retoma o seu lugar, a vida como era antes, quando criança, na juventude”, Marc Berthel, chefe da Geriatria do Hospital Universitário de Strasbourg, professor da Formação de Músicos Atuantes nos Hospitais.

“A música me obriga a esquecer, a esquecer a minha real condição. Ela me transporta para um estado que não é meu. Com a influência da música, eu tenho a impressão de ser o que na realidade não sou, que eu compreendo aquilo que não compreendo, que eu posso aquilo que eu não posso”, Anne Marie Gitz, médica geriatra, diretora da Formação de Gerontologia da Universidade de Strasbourg e professora da Formação de Músicos Atuantes nos Hospitais, citando Tolstói.

Eu gostaria que o senhor comentasse essas duas falas, relacionando-as com o trabalho de música no hospital, segundo sua própria perspectiva.

VF. Você está misturando um pouco demais crianças e idosos; não é a mesma coisa o trabalho na geriatria e na pediatria. Eu digo isto porque, na geriatria, você está interagindo com pessoas que têm uma grande, como eu posso dizer... uma verticalidade de história. A pessoa idosa viveu todas as idades, a nossa, a sua, a minha... ela é a única que sabe para onde nós vamos.

É diferente da criança. A criança está numa abertura, você a está alimentando. Com o idoso, você está reativando. Quando Marc Berthel diz que as pessoas re-acordam, revivem, é que a música lubrifica as emoções que estão “emperradas”.

Uma pessoa idosa na instituição de velhos, entre velhos, pára. Ela não está completamente viva. E o que é estar vivo? Estar vivo é estar em movimento. Estar alegre, estar triste, estar com fome, não estar com fome, desejar, não desejar, o que você quiser, não é? A pessoa idosa, quando está na instituição, começa a restringir o âmbito dessas emoções. E a música recoloca isto em movimento. Então, como Marc Berthel disse, este movimento recoloca vida. Você está entendendo? Então, não misture demais, são aspectos diferentes.

Tem uma frase neste filme que, no meu entender, é a mais importante; é uma frase de Winnicot, “Meu Deus, meu Deus. Faça com que eu esteja vivo no momento de minha morte”. É este o problema, porque nas instituições geriátricas as pessoas deixam de viver, bem antes da hora derradeira. Elas já estão num compasso de espera. Então, a música, na geriatria, como disse Marc Berthel, está lá para recolocar vida; em todos os tipos de emoções, pouco importa quais, positivas ou negativas, não importa. Também com a criança, este pode ser o caso; vou lhe dar um exemplo.

Há alguns anos atrás, eu estava fazendo um trabalho com meus alunos num hospital de Strasburgo, na pediatria. Estava comigo uma médica pediatra portuguesa, Dra Ana Jorge, amiga minha, e estávamos observando o trabalho de um aluno. Estávamos no quarto de um menininho, de mais ou menos dois anos. Estava na cama dele, quietinho, quietinho... O músico entrou, começou a interagir, o menininho não mexia, não reagia; depois de alguns momentos, o menino começou a reagir. Mas, uma hora, o músico tinha que ir embora e ele foi; o menininho ficou aos berros, aos urros no quarto. Aí o músico disse: “Puxa, o que eu fiz? Eu achei que o menino estava calminho, e agora ele está triste”. Nós conversamos com ele e a médica portuguesa disse: “Está vendo? Esse menino estava em situação atônita, completamente deprimido, pelo abandono. Nada lhe dizia a respeito. O músico chegou e começou a estimular, estimular, até que o menino começou a acordar e a se relacionar. E quando o músico foi embora, o menino ficou triste. Porque ele estava começando a se relacionar e... acabou”. A criança começou a interagir com o músico e depois ficou frustrada... Frustração é vida. Tudo é melhor do que ficar atônito. Com pessoas idosas, é a mesma coisa.

Agora, a sua segunda pergunta: o Tolstói. Para você entender a frase do Tolstói, você tem que pensar no que eu falei antes, no fato da música ser tempo dentro do tempo, são regras não do teu cotidiano... você está em outro lugar! Você está fora... então você pode e você não pode. Você é o que você não é. É como o jogo. Quando você era criança e brincava de boneca, era mãe, enfermeira, não sei o que era, não importa, mas você era aquilo que não é; mas você era,

porque estava brincando. Um menino que brinca de ladrão e polícia, também é isso, porque a música e o jogo são muito próximos um do outro... o jogo também é tempo dentro do tempo. Ele tem um começo e um fim: se você está jogando tênis e pensa que tem de levar sua tia ao dentista, não está mais jogando tênis... acabou! Você saiu fora do jogo, entendeu? O Tolstói é isto.

Para acabar, quando Marc Berthel fala “não é terapia”, isso é um problema, é um eterno problema. Eu não tenho absolutamente nada contra os terapeutas. Muito pelo contrário, eu acho que eles fazem um trabalho muito interessante, muito importante. A diferença de nossa abordagem é que nós não temos a intenção de modificar uma situação clínica. O terapeuta, pelo fato de fazer terapia, quer modificar o outro, para levá-lo para algum canto, qualquer que seja. Nós, não. O músico no hospital, a única coisa que faz é propor um diálogo musical, em que cada um faz com ele o que quiser; também, se não quiser, não conversa. É como se diz em francês, que tem uma expressão que diz: “Ele oferece a música em oco”. Cada um põe neste espaço oco o que quiser. Não é da competência do músico definir. Cada um conhece a liberdade e o corolário desta liberdade é a ignorância dos fatores patológicos por parte do músico, a inocência do olhar. O músico não sabe e não quer saber, porque ele está se dirigindo não à pessoa doente, mas à pessoa.

ZC. Algo que pude notar ao assistir o filme de divulgação é que o trabalho desenvolvido não consiste em ações em que os pacientes apenas recebem as músicas e os sons passivamente, mas existe uma interação, não só entre paciente e músico, mas também entre paciente/paciente, e equipe de saúde/paciente. Um exemplo marcante foi quando um paciente entrou no quarto de outro paciente com uma médica, e começou a cantar e tocar harmônica para ele. Eu gostaria que o senhor comentasse os seguintes tópicos: interação músico/paciente; interação paciente/paciente; interação equipe de saúde/paciente.

VF. O que você percebeu é justo. O projeto de música no hospital é um projeto fundamentalmente relacional entre todas as pessoas presentes no espaço hospitalar. Idosos (vamos falar de idosos, mas o mesmo vale para crianças, neste caso), familiares, profissionais de saúde... todos os elos que você pode criar; a música deve e pode dinamizar a comunicação. A música no hospital não é só para os pacientes, é para todos. Quem é a pessoa mais hospitalizada no hospital? É o profissional. Ele passa a vida dele lá dentro. A vida é muito difícil para o profissional: as responsabilidades, o cansaço... é muito trabalho, é complicado. Então, a humanização é muito importante para o profissional. Só um profissional que está num espaço humanizado pode ser humanizante. Você não pode pedir para uma pessoa que está num contexto desumanizado, para ser humanizante; é muito difícil.

Então, a música é para todos. Você fez referência ao idoso que vai ao quarto de outro idoso e canta para ele: isto é formidável. Porque isto é vida, porque normalmente cada um fica no seu quarto. E a médica que foi junto disse:

“Ah, eu gostaria de ter tempo para um outro nível de relação com as pessoas do que este que eu tenho...”. Que nível é este que ela está falando? É esse nível humanizado. É esse nível de centralidade na pessoa, não mais no paciente, mas na pessoa. E o que é interessante é que as pessoas se descobrem. Os profissionais vêem os pacientes de uma outra maneira. Você lembra que, no filme, a médica disse “Ah, eu esqueci que ele tocava harmônica”. De repente, esta médica descobre que o paciente, que tem problemas comportamentais e de saúde... toca harmônica.

A música é elemento de diálogo. Há uma pianista canadense, não me lembro de seu nome agora, que diz: “A música é uma conversa... o músico é que começa”.

ZC. Ainda dentro do que o senhor disse, gostaria que comentasse um pouco sobre o trabalho de sensibilização com os profissionais de saúde.

VF. O trabalho com os profissionais de saúde é importante, porque também é um trabalho paralelo do músico. O músico no hospital é um músico, é formado para trabalhar no hospital, não faz isso por boa vontade, tem que aprender. No projeto que nós estamos desenvolvendo em Selestat, na França, o curso tem um ano de formação. Para aprender como entrar num quarto, como sair de um quarto, como trabalhar no corredor, como ficar na sala de espera com crianças e pessoas de diferentes idades, como lidar com pessoas que estão no leito da morte...

Em paralelo, nós também fazemos a formação continuada dos profissionais de saúde. Oferecemos cursos para os enfermeiros, para os auxiliares... para que eles compreendam que podem aprender a escutar, a interagir... O músico que chega ao hospital é uma novidade muito grande; não basta que ele seja aceito, tem que ser acolhido. Como falou uma enfermeira, uma vez: “O importante não é aceitar o músico, é acolhê-lo”. O acolhimento implica a compreensão e uma certa... cumplicidade. Então, isto se ensina aos enfermeiros e às equipes em formação continuada. O que é escutar, repertório, e coisas deste tipo.

ZC. Eu agradeço a entrevista.